

---

Maria Tymoczko. *Enlarging translation, empowering translators*. Manchester: St. Jerome, 2007, 353 pp.

---

Em *Enlarging translation, empowering translators*, Maria Tymoczko apresenta uma interessante reflexão para a prática, o ensino e a pesquisa em tradução em plena era globalizada do século XXI, enfatizando sistematicamente sua proposta para as pesquisas no âmbito da disciplina de Estudos da Tradução, um campo de saber em processo de internacionalização. Tal proposta possui uma dupla face e é expressa no título deste livro: por um lado há a ampliação da

tradução enquanto conceito e objeto de estudo da disciplina em questão e, por outro, há a autoridade<sup>1</sup> do tradutor enquanto agente construtor de significados e sujeito ética e ideologicamente responsável por suas escolhas e (re)leituras. Tymoczko concebe ambas facetas como interdependentes e mutuamente pertinentes, duas faces de um mesmo processo que ao mesmo tempo deflagra a complexidade da atividade tradutória sob a visão de diversas culturas e conduz à configuração do tradutor como sujeito sociohistórica e culturalmente constituído.

De uma maneira didática e que reitera a proposta adotada, a autora divide a obra em duas partes, a primeira relativa à expansão da tradução e a segunda referente à autoridade do tradutor. No âmbi-

to da primeira parte, Tymoczko traça um breve e esclarecedor panorama dos estudos sobre a tradução desde o início de sua constituição como campo de pesquisa acadêmica após a Segunda Guerra Mundial até os dias atuais. Seu levantamento considera de que modo abordagens lingüísticas, filosóficas, funcionalistas, pós-coloniais etc. acerca da tradução teorizam sobre a definição da tradução enquanto objeto de estudo científico e problematizam as relações existentes entre o texto, a língua e a cultura de partida com seus “correspondentes” de chegada. O histórico traçado pela autora delimita o que ela denomina de estudos pós-positivistas sobre tradução, caracterizados em geral pela atenção – em maior ou menor grau – à diferença e à enunciação como aspectos próprios da produção textual e discursiva dos seres humanos.

Em seguida, Tymoczko chama a atenção do leitor para a pluralidade de conceituações sobre tradução existentes em várias partes do mundo e conclama tanto tradutores quanto professores e estudiosos da área a superarem a hegemonia promovida pela visão ocidental de tradução como transferência rumo à aceitação de dife-

rentes definições e concepções sobre o que de fato constitui um texto traduzido. Tal necessidade de vislumbrar e valorizar a existência de reflexões fora do eixo ocidental serve como pano de fundo para a tese central desta primeira parte do livro: a de que a tradução, assim como a linguagem, é um conceito de aglomerados (*cluster concept*), no esteio dos trabalhos do filósofo Ludwig Wittgenstein sobre conceitos e categorias comuns à vida dos grupos humanos. Segundo a autora, este tipo de conceito “difere de vários outros tipos de categorias devido a sua qualidade essencialmente pragmática” e conseqüentemente “deve ser compreendido através de observação e descrição” (2007, p. 86, tradução minha). Desta forma, Tymoczko propõe um conceito transcultural de \*tradução, em que o uso do asterisco serve para lembrar o caráter internacional que o conceito da disciplina de Estudos da Tradução revela. Assim, “encarar \*tradução como um conceito de aglomerados permite que traduções de todas as culturas e de todos os tempos sejam dignas de igual consideração na construção de uma teoria da tradução” (2007, p. 98, tradução minha).

Na segunda parte do livro, a autora apresenta as implicações da noção de tradutor como sujeito agente de seu trabalho para a consolidação da disciplina internacional de Estudos da Tradução. Com base em grande parte nos estudos pós-coloniais, Tymoczko ressalta que o tradutor deve ser um ativista engajado, ou seja, deve se manter visível a todos como sujeito político e ideológico, capaz de tomar decisões e fazer escolhas sob a constante vigilância da auto-reflexão; o exercício de auto-reflexão voltado para “o lugar de enunciação e filiação do tradutor é o guia para as escolhas tradutórias efetivas – desde a escolha do texto a transposições de língua e cultura” (2007, p. 219, tradução minha).

Tal análise da importância da auto-reflexão para a consolidação de um tradutor ativo política, social e culturalmente conduz Tymoczko a tecer uma interessante e panorâmica discussão acerca da natureza do significado no decorrer da História e da sua importância para o ofício do tradutor. Por meio de exercícios práticos e de um constante diálogo com o leitor, a autora reforça a inexistência de um significado previamente estabelecido no texto que deva ser resgatado pelo leitor e pelo tradu-

tor e reitera a tarefa de construí-lo segundo diversas coerções da vida diária e do mundo em que vivemos. Neste ponto Tymoczko lança mão de uma noção cara ao ideário pós-estruturalista, relativa à construção do significado como um processo intertextual aberto e infinitamente remissivo, sujeito a mudanças vinculadas ao tempo, ao espaço e a outras contingências que norteiam o sujeito. Assim, a abertura do significado em tradução “relaciona-se à possibilidade de gerar novas e diferentes formas de processos e produtos tradutórios, que por sua vez comprovam o poder dos tradutores de mudar culturas e o mundo” (2007, p. 308, tradução minha).

Em suma, este livro consiste em um rico material de reflexão e discussão acerca dos desafios enfrentados pela disciplina de Estudos da Tradução na atualidade. Estudantes, professores, pesquisadores e tradutores se beneficiarão com as indagações propostas pela autora para uma maior compreensão e aceitação das dificuldades impostas pela tradução e do poder que o tradutor inevitavelmente detém em suas escolhas. Acredito que os leitores brasileiros se beneficiarão com a tradução deste livro para a língua portuguesa.

Gisele Dionísio da Silva  
UFG

1. O vocábulo empowerment oferece por si só uma complexidade tradutória. Adoto aqui “autoridade”

em detrimento de “autorização”, tradução oferecida por inúmeros dicionários de língua portuguesa, por expressar mais claramente a idéia de poder e autonomia atribuída por Tymoczko ao tradutor.

---